

Aprendamos a zelar e a cultivar o amor na família, entre amigos, no local de trabalho, nas redes sociais, nos debates políticos e nas comunidades cristãs, para que o ódio dê lugar à esperança e à paz.

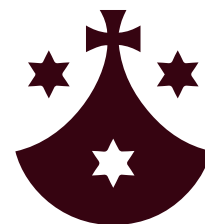
Papa Leão XIV, Discurso na Abadia de Nossa Senhora de Montserrat, 10 de junho de 2026



Boletim de Espiritualidade

1 JULHO 2026
Ano XIII Nº 145

145



Agenda julho 2026

- 1 a 3 **Fátima** (Santuário) – Curso de verão: Fátima depois de outubro de 1917: o ciclo cordimariano
- 2 a 5 **Braga** (Casa da Torre) – Exercícios espirituais
- 3 a 5 **Avessadas** – Encontro dos Grupos de Oração Teresiana (GOT). Ibérico
- 4 **Funchal** (Cabo Girão) – Dia da Família Carmelita
- 7 a 15 **Funchal** (Carmo) – Novena de Nossa Senhora do Carmo
- 8 a 12 **Braga** (Casa da Torre) – Exercícios espirituais
- 9 a 13 **Braga** (Casa da Torre) – Exercícios espirituais
- 10 **Aveiro** (Centro Paroquial de Esgueira) – Conferência: *Gênesis 2-3: Criação divina sem pecado humano*
- 12 **Online** – De véspera com S. Teresa dos Andes – Isabela Neves (21h30)
- 13 a 21 **Braga** (Casa da Torre) – Exercícios espirituais
- 13 a 25 **Braga** (Casa da Torre) – Exercícios espirituais "à medida"
- 16 a 19 **Colares** (Jesuítas) – Exercícios espirituais
- 16 a 24 **Colares** (Jesuítas) – Exercícios espirituais
- 15 **Online** – De véspera com Nossa Senhora do Carmo – Fr. João Costa e Verónica Parente (21h30)
- 17 a 24 **Braga** (Casa da Torre) – Exercícios espirituais
- 17 a 25 **Braga** (Casa da Torre) – Exercícios espirituais
- 20 a 25 **Braga** (Casa da Torre) – Exercícios espirituais
- 23 a 26 **Braga** (Casa da Torre) – Exercícios espirituais
- 24 a 26 **Lamego** – Encontro Nacional de Jovens
- 24 a 29 **Braga** (Casa da Torre) – Exercícios espirituais
- 26 **Avessadas** – Domingo das bênçãos

- 27 a 30 **Fátima** (Santuário) – 50.º Encontro Nacional de Pastoral Litúrgica
- 27 a 30 **Aveiro** (São Jacinto) – Acampamento nacional da Juventude Operária Católica
- 28 a 2 **Ávila** (CITeS) – Exercícios espirituais com São João da Cruz

Agenda agosto 2026

- 3 a 8 **Avessadas** – Férias orantes
- 3 a 14 **Ávila** (CITeS) – Formação em dança contemplativa
- 6 a 9 **Braga** (Casa da Torre) – Exercícios espirituais
- 6 a 14 **Braga** (Casa da Torre) – Exercícios espirituais
- 6 a 16 **Braga** (Casa da Torre) – Exercícios espirituais
- 8 **Online** – De véspera com S. Teresa Benedita da Cruz – Rui Guerra (21h30)
- 8 a 16 **Braga** (Casa da Torre) – Exercícios espirituais
- 12 a 16 **Braga** (Casa da Torre) – Exercícios espirituais
- 14 a 22 **Braga** (Casa da Torre) – Exercícios espirituais
- 15 a 31 **Colares** (Jesuítas) – Férias com Deus
- 17 a 25 **Colares** (Jesuítas) – Exercícios espirituais
- 21 a 29 **Colares** (Jesuítas) – Exercícios espirituais: caminho de contemplação
- 22 a 28 **Ávila** (CITeS) – Retiro sobre as Quintas Moradas de Santa Teresa: *Transformação no amor... para amar*
- 28 a 30 **Fátima** (Capuchinhos) – Semana Bíblica Nacional: *São Francisco e a Palavra de Deus*
- 24 a 28 **Fátima** (Domus Carmeli e Carmelo de S. José) – Retiro para Sacerdotes
- 24 a 29 **Braga** (Casa da Torre) – Exercícios espirituais

Férias orantes

Descanso em tempo de Esperança

3 a 8 agosto 2026
 Avessadas (Marco de Canaveses)



Padres Carmelitas Descalços
Convento de Avessadas
☎ 255 538 150 (Chamada para rede fixa nacional)
☎ 926 750 816 (Chamada para rede móvel) e whatsapp
✉ avessadas@carmelitas.pt



Novena preparatória da Solenidade de Nossa Senhora do Carmo

Na Igreja do Carmo no Funchal (7 a 15 de Julho)

09h30 às 11h00: Exposição do Santíssimo Sacramento
18h00 Novena Cantada.
18h30 Missa da Novena com pregação mariana.

12 DE JULHO

Visita das crianças à Senhora do Carmo,
Com imposição do Escapulário.

15 JULHO

Promessas da Ordem Secular

16 JULHO

17h30 Terço Cantado
18h30 Missa da Novena com pregação mariana
19h30 Solene Procissão pelas ruas da cidade

Na Igreja do Carmo de Viana do Castelo (7 a 15 de Julho)

20h30 Terço
21h00 Missa da Novena com pregação mariana.

11 DE JULHO

17h30 Terço Cantado
18h00 Missa das Gentes do Mar

15 DE JULHO

21h30 Solene procissão pelas ruas da cidade
18h00 Missa das Gentes do Mar

16 DE JULHO

20h30 Terço cantado
21h00 Eucaristia solene

TRÍDUO PREPARATÓRIO

SANTUÁRIO MENINO JESUS (Aveassadas)

21h00 Desde o dia 13 ao 15 de Julho.

IGREJA DO CARMO (de Braga)

08h30 Terço solene.
09h00 Eucaristia com meditação mariana.

IGREJA STELLA MARIS (Porto)

18h30 Terço solene.
19h00 Eucaristia com meditação mariana.



Do dia 7 de julho em diante a família dos Descalços do Carmo estará a preparar-se para a celebração da festa da Padroeira da Ordem, nossa Mãe e Irmã, a Senhora do Carmo. Nesses dias, num claustro carmelitano perto de si, reze e cante connosco os louvores da Senhora da capa Branca. E na véspera da festa ouça uma breve reflexão conduzida pela Verónica Parente e o Frei João. Dia 15 de julho haverá transmissão *online* "De Vésperas com... Nossa Senhora do Carmo". Ligue-se através das plataformas digitais da Ordem dos Carmelitas Descalços:

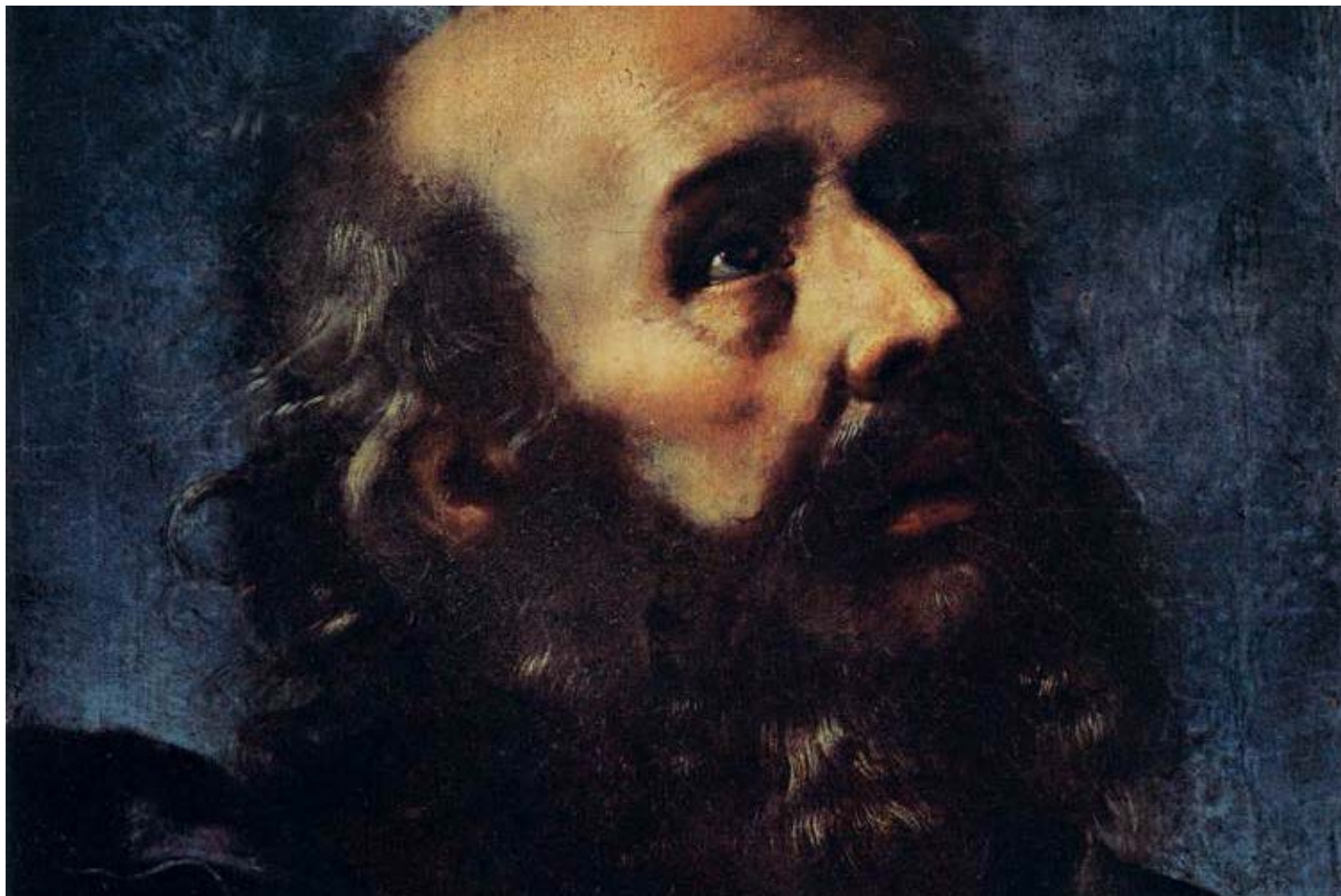
MULTIMÉDIA OCD: multimedia.carmelitas.pt

YOUTUBE: <https://youtube.com/@carmelitasdescalcosportugal?feature=shared>

FACEBOOK: <https://www.facebook.com/carmelitas.descalcos.portugal>

Velhice e tempo na Bíblia

Armindo Vaz, OCD



Moisés
Carlo Dolci, 1640-45
Galeria Palatina (Palácio Pitti), Florença

Quem não lê as histórias de longevidade dos anciãos bíblicos perde a incalculável riqueza que os potenciais anciãos de hoje podem herdar. De facto, a longevidade daqueles não é um concurso sobre quem viveu mais. É meditação sobre o tempo que passa inexorável, sobre a experiência humana indelével e sobre a ligação do humano ao divino. O tempo tinha passado fugazmente por eles. Mas a idade acumulada tinha ficado: eles 'tinham-na', formando parte de si, como a cauda do cometa. Eles eram precisamente a vida e a experiência que se tinha sedimentado, depositado, *dentro* deles, ano após ano, gerando um misterioso enriquecimento neles e no povo que formavam. As experiências recolhidas, a abertura da mente a novas perspectivas e a novos horizontes, a maior capacidade de avaliar situações e de acolher o 'diferente' não tinham 'fugido' deles. Tinham-nos *feito*, como nos fazem a nós. A idade madura destes antepassados vivos era, afinal, *recapitulação* da sua vida de 'não passados', a idade mais valiosa, depois da qual não havia outra. A recapitulação continha e sintetizava a vida inteira, memória agradecida das consolações vividas, quinta-essência dos desejos e projectos realizados, as dores superadas, as frustrações sublimadas, os amores dados e recebidos; era o remanso final do curso dos

anos, ao longo dos quais tinham escolhido o que queriam ser para sempre no mar da eternidade que já se sentia perto: «Eis que eu estou para morrer. Mas Deus estará convosco» – diz Jacob a José (Gn 48,21). O ancião bíblico não esquecia a espessura dos acontecimentos, como se esquece hoje com uma tendência suicida a 'actualizá-los' no que é recente e, por isso, a reduzi-los a um só plano, talvez a uma notícia evanescente, mutilando-os do seu sentido humano e religioso e das suas consequências. Em boa verdade, o 'actual' mantém e guarda o conteúdo de fundo que vem do passado e merece atenção: «Recorda os dias de outrora, medita nos anos de tantas gerações. Pergunta ao teu pai e ele contar-te-á, aos teus anciãos e eles dir-te-ão» (Dt 32,7). A *recordação* bíblica, registo no *coração*, não era conservação passiva, fixada de uma vez para sempre, como nas paredes de um museu, na cadeia dos acontecimentos do passado. Recuperava, celebrava e salvava no presente aqueles factos grávidos de um sentido que não se tinha conseguido ver no passado.

O ancião, com a sua longevidade, afastando as fronteiras da morte o mais possível, vivia em mais de um mundo e em sucessivas gerações, impedindo assim que o passado se

apagasse: dando tempo que mais contemporâneos jovens testemunhassem os mesmos factos que ele, consolidava-os na memória colectiva do povo, sempre 'actual', e contribuía mais para ela. A longevidade – a real e a aumentada pela intenção simbólica – permitia gerar uma razoável unidade, harmonia e coerência entre os acontecimentos desconexos dos mais idosos e dos jovens que iam fazendo cultura no povo de Israel: «Fui jovem, já sou velho; e nunca vi um justo abandonado, nem a sua descendência a mendigar pão» (Sl 37,25). A memória de cada ancião superava-o e continuava depois dele, no jovem. A história não era sucessão mas convivência de gerações, que cresciam e amadureciam simultaneamente. Era formação contínua intergeracional, educação inclusiva, reciclagem permanente dos idosos com o contributo dos jovens e vice-versa: «Escutai, filhos, a instrução do pai; estai atentos para adquirirdes a inteligência» (Pr 4,1-4). «Ouvi isto, anciãos!... Contai-o aos vossos filhos; e os vossos filhos aos seus filhos; e os seus filhos à seguinte geração» (Jl 1,1-3). «O que ouvimos e aprendemos e os nossos pais nos transmitiram não o ocultaremos aos seus filhos; tudo contaremos às gerações vindouras» (Sl 78,3-4). Os mais idosos sabiam que “a conversa converte”.

A memória, base para a aprendizagem, tecia as diversas visões do mundo e unia as formas de pensamento dos

idosos com as dos jovens. Ao estarem na ponta final da vida, os anciãos bíblicos eram capazes de unir o que os jovens tendiam a ver em *fragmentos* (aptidões e realizações, ganhos e renúncias, desaires e alegrias, perdas e fantasias). Não encontravam no fim um montão de destroços, mas a harmonia feita com os muitos fragmentos de vida (cf. P. R. SCALABRINI, “L'età anziana secondo l'Antico Testamento”, *Le età della vita* [PSV 49; EDB Bolonha 2004] 11-29). Com a sua longa memória contavam diante de si e dos outros os acontecimentos de toda a vida, reconhecendo as luzes e as sombras, integrando os gozos e os sofrimentos, vivendo o presente com paz e harmonia interior. Redimiam o tempo, libertando-o de maus pensamentos sobre o passado e abrindo-o a um futuro de esperança, considerando cada instante como um presente valioso, oferecido para relançar a vida e para o desposar com a eternidade: «Instruíste-me, ó Deus, desde a minha juventude; e até ao presente tenho anunciado as tuas maravilhas... Também agora, na velhice e de cabelos brancos, não me abandones, ó Deus, até que eu anuncie a tua força a esta geração» (Sl 71,17-18; cf. J. CRISTO REY GARCÍA, “Longevidad y tiempo extra”, *Vida Religiosa* [Monográfico 1/2022/ vol. 132] 33-87). Quem assim ora desprende-se das contradições da vida e entra no limiar da imortalidade.

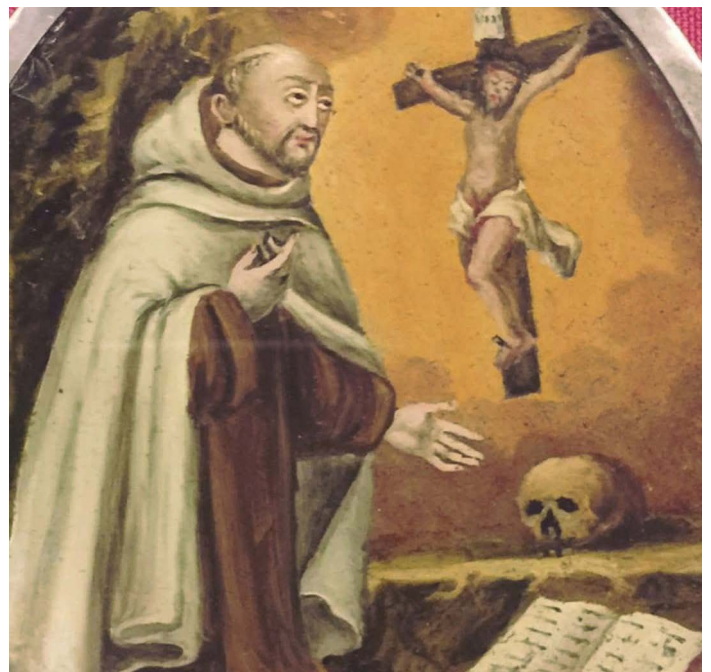
Ano Jubilar de São João da Cruz

Armindo Vaz, OCD

S. João da Cruz: o prodígio da poesia

No seu estudo de 675 páginas, *Poesía española* (Biblioteca românica Hispánica; Editorial Gredos; Madrid 1950), o poeta e crítico literário Dámaso Alonso escreveu em louvor de S. João da Cruz:

«O leitor pense em poetas delicados, desses que suscitam uma especial vibração estética, que com a magia da palavra derramada em ritmo, movem não só o nosso pensamento, iluminando-o, mas também outras secretas câmaras que se nos povoam de delícias... E pensamos em Góngora, ou em Mallarmé..., ou num Paul Valéry..., ou num Ungaretti, ou num Jorge Guillén... Poetas da mais delicada sensibilidade...: este retoca uma palavra, aquele burila o ritmo, outro elimina uma impureza literária... E entre todos estes artistas em frenesim adianta-se sereno, imperturbável, um homem que avança recto: não burila, não se importa da perfeição formal... Avança irremissivelmente atraído pelo centro que se impõe ao espírito... Esse homem que avança indiferente é um fradinho pequeno, quase «meio frade», a quem – digamo-lo sem reboços – não preocupava a arte pela arte. O único que lhe importava era o amor de Deus... Não tinha lugar para a arte quem estava cheio de Deus.



Três poemas (*Cântico espiritual*, *Noite escura*, *Chama de amor viva*) e duas coplas (*Mesmo sendo de noite*, *Após amoroso lance*) são de tal ordem que a literatura mundial não produziu uma emanação mais nostálgica, onde cada palavra parece ter recebido plenitude de graça estética, com uma transfusão tal que a nossa alma, virginalmente arejada, impelida de forma abrasadora, nunca sentiu tão próximas as extremas delícias... Por S. João da Cruz, acreditado no prodígio!» (pp. 279-281).

Férias orantes

Descanso em tempo de Esperança

📅 **3 a 8 agosto 2026**

📍 **Convento de Avessadas** (Marco de Canaveses)

Padres Carmelitas Descalços

Convento de Avessadas

Marco de Canaveses

☎ 255 538 150 (*Chamada para rede fixa nacional*)

📱 926 750 816 (*Chamada para rede móvel*) e whatsapp

✉ avessadas@carmelitas.pt



*«Oh dulcíssimo amor de Deus,
mal conhecido!*

Quem o encontrou, descansou!»

SÃO JOÃO DA CRUZ – DITOS DE LUZ E AMOR, 16.

Cursos de Verão do Santuário de Fátima

Fátima, 1, 2 e 3 de julho de 2026



O Santuário de Fátima promove, de 1 a 3 de julho de 2026, a 11.ª edição dos Cursos de Verão, subordinada ao tema “Fátima depois de outubro de 1917: o ciclo cordimariano”. A iniciativa, organizada pela Academia de Estudos do Santuário de Fátima, assinala o centenário das aparições de Pontevedra (1925-1926) e pretende aprofundar o conhecimento sobre esta etapa da Mensagem de Fátima. O programa reúne especialistas de várias áreas académicas para abordar, numa perspetiva multidisciplinar, temas como o Imaculado Coração de Maria, os ciclos angélico, mariano e cordimariano, as devoções aos Sagrados Corações e a prática dos Cinco Primeiros Sábados. O curso decorre no Centro Pastoral de Paulo VI. [🔗](#)

‘Rejoice’ – Jornada Nacional da Juventude

Lamego, 24 a 26 de julho



Lamego vai acolher, de 24 a 26 de julho, a segunda edição do Rejoice – Jornada Nacional da Juventude, promovida pelo Departamento Nacional da Pastoral Juvenil. Sob o lema “Nós somos muitos e formamos um só corpo em Cristo” (Rm 12,5), o encontro pretende reunir jovens de todo o país para três dias de oração, celebração, formação e convívio. A organização destaca que a iniciativa quer reforçar o sentido de pertença à Igreja e testemunhar a unidade num contexto marcado pela divisão e polarização social. Após o êxito da primeira edição, realizada em 2024, o *Rejoice* afirma-se como um espaço de comunhão entre dioceses e como continuidade do dinamismo gerado pela JMJ 2023. [🔗](#)

Curso de Integração Missionária em Fátima

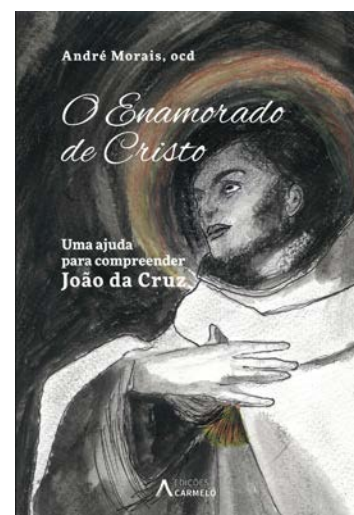
Fátima, 27 a 31 de julho



Os Institutos Missionários Ad Gentes (IMAG) promovem, de 27 a 31 de julho, o Curso de Integração Missionária (CIM), no Centro Missionário Allamano, em Fátima. A iniciativa destina-se a missionários, consagrados e leigos provenientes de outros países, bem como a portugueses que regressam após longos períodos no estrangeiro. O curso aborda dimensões socioculturais, teológico-ecclesiais e práticas, procurando facilitar a integração e o exercício da missão em Portugal. [🔗](#)

O ENAMORADO DE CRISTO

André Morais, ocd



No ano em que se assinala o terceiro centenário da canonização de São João da Cruz e o primeiro centenário da sua proclamação como Doutor da Igreja, André Morais convida os leitores a redescobrirem uma das maiores figuras da espiritualidade cristã. Em *O Enamorado de Cristo*, apresenta um percurso acessível pela vida, doutrina e experiência mística do santo carmelita, revelando-o não apenas como mestre da ascese e das “noites”, mas sobretudo como um homem apaixonado por Cristo. Através das virtudes teológicas, da purificação interior e do caminho para a união com Deus, o livro mostra como o amor está no centro da mensagem joanina e da vocação cristã.

Publicação: Edições Carmelo [🔗](#)

claustr

O que procuramos quando não conseguimos estar sós? Partindo da célebre reflexão de Blaise Pascal sobre a dificuldade de permanecer em silêncio e a sós, o artigo questiona a constante necessidade de preencher o tempo com distrações. Carlos Vieira, OCD, que a incapacidade de estar sozinho pode revelar um desconforto interior e um afastamento de si mesmo. Num mundo marcado pelo ruído e pela hiperconectividade, defende a solidão como espaço privilegiado de encontro consigo, com os outros e com Deus. [🔗](#)

A magnífica humanidade habitada por Deus. Jonas Viana reflete sobre a “magnífica humanidade” habitada por Deus, sublinhando que a pessoa humana possui uma dignidade originária e relacional. Em Cristo, essa humanidade é revelada como vocação à comunhão, contra a desumanização e a redução do homem a função ou dado. [🔗](#)

Os jovens e o Carmelo. Joaquim Teixeira, OCD, reflete sobre a presença dos jovens no Carmelo, sublinhando o convite a uma espiritualidade enraizada na oração, no silêncio e na interioridade. Mostra como o Carmelo propõe aos jovens um caminho de maturidade humana e cristã, centrado no encontro com Deus e na transformação interior. [🔗](#)

Curso ACOMPANHAMENTO

I PARTE . FUNDAMENTOS DO ACOMPANHAMENTO

1º Módulo

A dinâmica do acompanhamento espiritual 13-15 nov.2026

2º Módulo

Acompanhamento e psicologia 15-17 jan.2027

3º Módulo

Acompanhamento espiritual na vida eclesial 19-21 fev.2027

II PARTE . ACOMPANHAMENTO AO LONGO DA VIDA

4º Módulo

Ao longo das idades
16-18 abr.2027

5º Módulo

Acompanhamento
segundo as vocações
e estados de vida
21-23 mai.2027

PARTICIPAÇÃO

Presencial | on-line

INSCRIÇÃO Domus Carmeli

R. Imaculado Coração de Maria, 17

2495-441 FÁTIMA

Tel. 249 530 650 [chamada para a rede fixa nacional]

WhatsApp: 922 298 665 - apenas mensagens escritas
[chamada para a rede móvel nacional]

centromariano@domuscarmeli.net

www.domuscarmeli.net



Domus Carmeli

Ordem dos Carmelitas Descalços, Fátima

A caminho de Emaús
ivankademchuk.com



Recordo-te como uma das mulheres fortes do Evangelho...

Irmã Sofia da Cruz, Carmelo de Aveiro



Fotografia: Andrew_Poynton, pixabay.com

Querida Glória

Com o passar do tempo acentua-se a fecundidade das vivências que fomos fazendo ao longo da vida. É isto que sinto sempre que tenho oportunidade de rever a minha história, o caminho que Deus escolheu para eu percorrer. Por isso, nada há de inútil, de vazio ou sem sentido... Em Deus tudo está repleto de sentido, ainda que humanamente seja incompreensível. Porque o verdadeiro sentido de todas as coisas provém do amor com que as recebemos de Deus e do amor com que as vivemos. Creio que aqui reside o segredo de qualquer vida que se faz doação a Deus e aos irmãos. E creio que aqui reside o segredo dos teus 50 anos de vida consagrada. É que a tua entrega está marcada com o selo mais autêntico do amor, que é a doação sem limites nem reservas...

Recordo-te como uma das mulheres fortes do Evangelho. Como uma daquelas que não cessa de interceder junto de Deus pelo seu povo. Uma mulher capaz de esquecer-se de si mesma para ir ao encontro daqueles que mais precisam e nem sequer têm força para pedir auxílio. Recordo-te como pioneira destemida a abrir caminho para que a caridade fale mais alto no coração de cada homem e mulher de Ocua. Recordo-te como mãe, com um coração cheio de solicitude maternal para congregar a comunidade num mesmo e único Amor. Recordo-te como mulher de oração, interessada apenas em conduzir-nos ao essencial, ao encontro com Deus na meditação e na oração silenciosa. Recordo-te como mulher da alegria capaz de animar mesmo quando a dor parecia superar as tuas forças. Recordo-te como mulher que não se dá por vencida perante as dificuldades da vida. Como mulher de paz. Quantas vezes não saíste tu ao encontro dos conflitos, para com o teu coração pacificador semear a paz nos corações endurecidos pelo ciúme, pela inveja e o orgulho...

Recordo-te como amiga, que não cessa de apontar o caminho do mais alto e do mais perfeito, não poupando aos sacrifícios e ao esforço pessoal. Recordo-te como companheira de jornada, para quem as tristezas e as alegrias, as vitórias e os fracassos eram de todas, porque todas éramos comunidade. Recordo-te como mestra de vida, porque era o amor à vida que te fazia sair de ti mesmo e enfrentar todas as situações que chegavam à missão para as Irmãs resolverem. Recordo-te como mulher da esperança, para quem havia sempre alguma coisa a fazer, mesmo quando tudo parecia perdido... E tantas outras imagens poderiam ser usadas para continuar a descrever as maravilhas, que ao longo destes 50 anos, Deus fez em ti e através de ti.

Não tem conta as vezes que te ouvi chamar de “Mãe Glória”, os sorrisos cheios de carinho e os olhares repletos de ternura aquando da tua passagem. Não têm número as crianças que te seguiam sempre que passavas pela aldeia. Não faltavam as portas abertas e o convite para entrares em cada palhota, para sentares, ou simplesmente para afagares o bebé de cada mãe. Não sei como, mas descobrias as palhotas mais abandonadas e distantes, onde jaziam em velhas quitandas aqueles de quem a doença se tinha apoderado e já não lhes restava outra coisa senão esperar a morte... Para ti não havia tempo de descanso, tempo para a tua vida, porque tu encontravas a tua vida na vida daqueles que precisavam do teu sorriso, do teu carinho, da tua mão amiga, que precisavam de ti. Acima de ti mesmo estavam sempre os outros, fossem eles quem fossem. Contigo aprendi a ser missionária de alma e coração a dar-me sem reservas, sem medo, a fazer da missão a minha própria vida, porque afinal era isto o que a missão era para ti, a tua vida.

Não sei, se ao longo destes 50 de missionária deste muito ou pouco. Sei apenas que deste tudo, porque te

deste a ti mesma. Se foi bem, se poderia ser melhor, não importa. O que importa é que foi o tudo de cada momento presente e, por isso, foi tudo. Deste o teu coração o que fez com que esse povo te sentisse como sua. Destes as tuas mãos às suas necessidades o que faz com que te descobrissem como companheira de vida. Destes os teus pés às longas visitas às palhotas à procura dos abandonados e doentes o que fazia com que te vissem como esperança de vida a quem recorrer no momento de aflição. Deste o teu olhar para vê-los como homens e mulheres com a mesma dignidade que tu, por isso eles descobriram em ti uma defensora dos seus problemas. Deste a tua oração a Deus por eles e estou certa de que foi aí que eles descobriram que te tinhas feito igual a eles, porque os apresentavas ao Pai e os confiavas à Sua protecção. Como Jesus tu consagraste-te a ti mesma por eles para que também eles descobrissem a verdade que é o Evangelho. Para que eles se descobrissem iguais a ti, porque eram todos filhos do mesmo Pai, o Pai celeste.

Um dia Jesus foi ao templo com os seus discípulos e viu os ricos deitarem no cofre do tesouro as suas ofertas. Viu também uma viúva pobre deitar lá duas moedas insignificantes e disse: «Em verdade vos digo esta viúva pobre deitou mais do que todos os outros; pois eles deitaram no tesouro o que lhes sobejava, enquanto ela da sua pobreza, deitou tudo o que tinha para viver.»

Vejo-te como esta mulher que deu mais do que os outros porque da tua fragilidade não poupaste nada. Amaste sem medo de não ser amada. Deste a tua vida sem medo de a perder. Fizeste do amor a tua vida e não tiveste medo de dar tudo.

Querida Glória, obrigada porque ao olhar para a tua vida eu vejo que Deus não falha, que posso acreditar Nele. Que como tu posso amar sem medo nem medida e viver só para Ele.

Agora vou falar-te um pouco daquilo que é a misericórdia de Deus para com a minha pobre vida. Há uma frase que creio ser a chave de leitura da realidade que estou a viver e que frequentemente a repito a Deus, que é a seguinte: "Se o Teu coração toca a minha miséria me transformará em ti." Para mim a misericórdia é deixar que o coração de Deus toque na nossa vida, ame a nossa pobreza e a converta em amor. Não tenho nada, mas com o nada que tenho sinto-me muito feliz. Porque sei que na minha pobreza tenho a riqueza que é Deus. Por isso, vivo tranquila à sombra da vontade de Deus que diariamente me vai seduzindo e enamorando mais e mais.

Não tenho mais nenhum desejo senão o de cumprir a vontade de Deus, de dar a minha vida para que todos os meus irmãos tenham vida e vida em abundância e manifestar ao mundo que vive o Senhor em cuja presença eu vivo. Às vezes parece que Deus me traz na palma da mão,

parece que a minha vontade se transformou na Dele e que Ele me faz querer tudo o que me quer dar. Não sei como é. Sei apenas que sou Dele e que ninguém nos poderá separar, porque esta é a vontade Dele para mim. Ele mesmo faz-se garantia da minha entrega, da minha vocação, da minha missão, da minha pobre vida.

Este ano lectivo, que começou em Outubro e termina em Setembro do próximo ano, interrompi os estudos para preparar mais intensamente a Profissão Solene. Só agora comecei a estudar a espiritualidade e o carisma carmelitano com todo o meu ser e vou descobrindo que, no mais profundo segredo, Deus me vai instruindo e fazendo perceber tudo tão claramente como se o experimentasse vivencialmente. Às vezes chego a duvidar da graça que me envolve, porque é tão grande, tão grande que nunca pensei ser possível Deus debruçar-se tanto sobre uma pequena criatura como eu. Não sei o que Deus tem reservado para mim, mas às vezes parece que Ele me quer levar pelos caminhos do infinito. Diante disto só me atrevo a dizer como Maria: Faça-se em mim segundo a tua vontade. Não me resta senão dizer-lhe que sou a "Sua pobre" e pedir-lhe que me dê o que me pede e que me peça o que me dá, porque só Ele em mim e a força do Seu Espírito poderão realizar a Sua vontade plenamente. Confio-me inteiramente à Sua acção amorosa porque melhor do que ninguém Ele conhece os seus caminhos para mim e possui a força para realizá-los.

Santa Teresa numa das suas obras diz: "Sabeis o que é ser carmelitas de verdade? É fazer-se escravas de Deus, as quais, assinaladas com a sua marca que é a cruz, possam ser vendidas como escravas de todo o mundo, como Ele o foi." Esta é a marca com que Deus assinalou a minha vida. Foi a medida do amor que Deus escolheu para me amar e agora não posso senão dizer-lhe: Pai, eis-me aqui. Configura-me com Jesus, para que vejas em mim a tua filha amada e me possas entregar como resgate de muitos. Atrás da cruz encontrei a maior declaração de amor de Deus à minha vida e à de cada homem, por isso quero perpetuar indefinidamente este mistério de amor, amando a Deus e em Deus os irmãos. Quero começar aqui na terra aquilo que quero fazer no céu, AMAR, só amar. Amar com o coração do próprio Deus, assim poderei já começar a viver o meu céu na terra. Confiada apenas em Deus e na sua infinita misericórdia.

Querida Glória obrigada por seres um sinal de Deus na minha vida. Por me teres falado Dele com a tua entrega sem limites. Por me teres mostrado que quando se ama, não se olha ao esforço e ao sacrifício, porque são eles que dão fecundidade à nossa vida. Fico muito unida a ti no exercício de Amar sem medo nem medida.

Ficamos unidas em Deus, rezando uma pela outra.

”

Vejo-te como esta mulher que deu mais do que os outros porque da tua fragilidade não poupaste nada. Amaste sem medo de não ser amada.

Três perguntas e... mais uma

Sobre o livro "O Enamorado de Cristo"

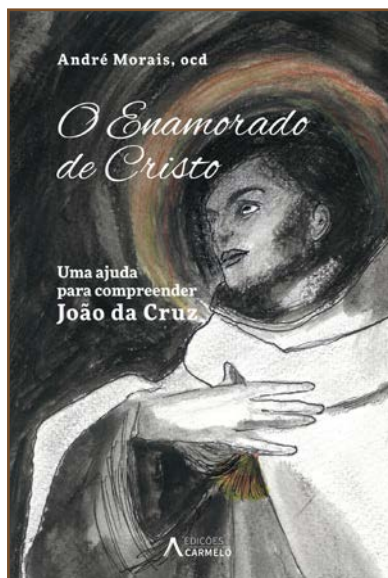
1. Qual a razão do título do seu livro?

Comecei a ler São João da Cruz quando fazia a minha aproximação ao Carmelo. Não sei muito bem o motivo, mas a um determinado momento do meu discernimento, uma carmelita descalça emprestou-me as Obras Completas do Santo. Talvez ela soubesse o que estava a fazer, mas eu não sabia como a minha vida seria diferente depois dessa leitura. Senti, imediatamente, uma sintonia enorme com esta figura que toda a gente dizia ser difícil e algo obscura mas que eu percebi como simples, como muito transparente e luminosa e que, acima de tudo, que me transmitia um fogo, uma paixão imensa por Jesus.

Mais tarde, já religioso, foi-me pedido que, juntamente com um confrade, pudesse realizar no Porto uma atividade pastoral sobre algum santo carmelita. Nessa altura, já me "dava muito bem" com João da Cruz. Mas no âmbito dessa atividade mergulhei de cabeça no pensamento e na doutrina de João da Cruz. E quanto mais lia, quanto mais estudava, depa-rava-me sempre com uma mesma "intuição": João da Cruz não fala outra coisa senão de Cristo, João não diz outra coisa senão Cristo. Por isso, a conclusão parece-me evidente: João é um homem totalmente enamorado por Cristo. Porque os enamorados são precisamente aqueles que não veem outra coisa senão a pessoa amada. Ora, foi essa a experiência que eu fiz de João: tudo nele clama Jesus, a seus olhos só há Jesus, toda a sua existência clama Jesus.

2. O subtítulo começa assim: «Uma ajuda...». Porque precisa São João da Cruz que alguém nos ajude a compreendê-lo?

A experiência que eu fiz de João da Cruz foi sempre uma experiência positiva. Mas reconheço que há muitos que, simplesmente, não a fazem. É verdade que João da Cruz diz coisas que não são, à partida, muito agradáveis ou fáceis. Tem alturas em que o que escreve chega mesmo a ser duro e difícil. Por esse motivo, muitos dos seus leitores detêm-se na dureza do caminho que ele preconiza e, com medo, dizem imediatamente: "isto não é para mim". De acordo com a tradição, um desses leitores foi o futuro Papa São João XXIII que devolveu as



O ENAMORADO DE CRISTO

(Edições Carmelo)

PVP 5,00€



Autor: André Morais, ocd

Obras Completas do Santo uns dias depois de as ter comprado, afirmando que o que estava escrito naquele livro não era para ele.

Estou em crer que se nos aproximarmos de João da Cruz com medo, se nos aproximarmos de João da Cruz com a "certeza" de que ele escreve umas coisas que "não são para mim" mas para alguns "iluminados", então não vamos conseguir passar de segunda página. Por isso é que creio que faz falta uma ajuda para nos aproximarmos de João, porque existem muitos pré-conceitos relativamente a João da Cruz e, se não nos ajudarem a ler as suas obras com os "óculos" certos, diremos invariavelmente como

João XXIII e tantos outros: "isto não é para mim".

3. O que há para compreender em São João da Cruz?

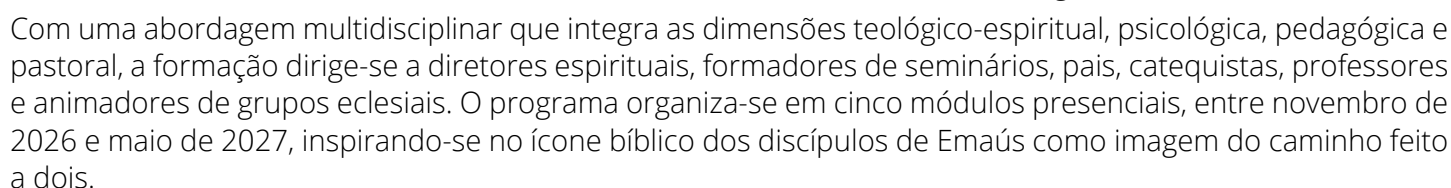
Não tenho a pretensão de querer ensinar ninguém. Mas, se não estou a ler de forma errada, aquilo que é preciso compreender de João da Cruz, os "óculos" que são necessários colocar para o lermos convenientemente, é que João quer-nos livres para amar mais. Estas são as duas lentes dos tais "óculos": a liberdade e o amor. Porque tudo aquilo que ele nos diz tem como objetivo conduzir-nos a Cristo. E não apenas isso, mas levar-nos rapidamente a Ele. Compreendendo assim a João da Cruz, descobrimos uma outra pessoa, descobrimos um homem apaixonado, melhor, um homem enamorado, que experimentou como Deus é bom e que deseja que nós façamos também essa experiência e que não nos percamos em coisas sem importância.

E... 4. O que entende São João da Cruz por negação, e porque é ela tão necessária?

Mais uma vez, partilho o que vou descobrindo a partir da leitura que faço de João. Antes de mais, parece-me importante dizer que quando João da Cruz fala de negação fala de uma atitude a desenvolver, de um processo. Ele é muito claro: o importante na vida é Deus. E como o importante na vida é Deus, só Deus lhe interessa. De tudo quanto não é Deus, há-de o Homem aprender a desligar-se. Isso não significa que as coisas – sejam elas matérias ou espirituais – sejam más. O que João diz é que as coisas, que são boas (nunca é demais frisar), não são Deus. Ora, se o mais importante de tudo é Deus, tudo o resto, diante de Deus, perde importância, perde beleza, perde sentido.

A negação provém, então, deste desejo por mais, deste desejo de um amor maior. João recorda-nos, enfim, que as nossas escolhas nos comprometem. E se eu desejo um bem maior, tenho de dizer não a outros bens, que o são, mas que não são o bem maior, são bens mais pequenos. Assim a negação é esta atitude que me faz "treinar" a minha vontade para que esta possa escolher sempre o bem maior, que para João se chama claramente Jesus Cristo.

Início a 13 de novembro de 2026



Na segunda fase, a formação centra-se em dimensões práticas, acompanhando as etapas da vida humana: da infância ao discernimento vocacional na juventude, até ao acompanhamento no envelhecimento. O curso encerra com uma reflexão sobre os diversos estados de vida, abrangendo casais, leigos celibatários, sacerdotes e consagrados, reforçando a ideia de que ninguém deve caminhar sozinho.

Entre aulas, dinâmicas de grupo e momentos de oração no Carmelo de São José, os participantes serão preparados para serem servidores da esperança, contribuindo para uma Igreja mais fraterna e verdadeiramente sinodal.

A Igreja Católica, fiel ao seu compromisso de ser uma “comunidade de acompanhamento”, acolhe em Fátima uma nova proposta formativa de relevo. Os Carmelitas Descalços apresentam o Curso *Acompanhamento* para o ano pastoral 2026-2027, uma iniciativa a realizar-se na casa Domus Carmeli, que visa sensibilizar e capacitar os cristãos para a missão de caminhar com o outro na escuta, no discernimento e na proximidade.

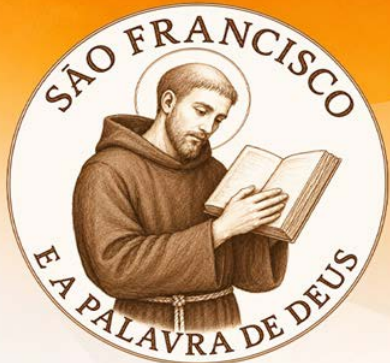
Assente na convicção de que Deus é o primeiro acompanhante da humanidade, que em Jesus Cristo e no Espírito Santo se faz próximo de cada pessoa, o curso propõe-se qualificar o serviço de homens e mulheres disponíveis para acompanhar vidas com humildade, maturidade humana e generosidade.

48^a SEMANA BÍBLICA NACIONAL

Encontro, reflexão e transformação
através da Palavra de Deus.

28 a 30
de agosto de 2026

FÁTIMA



TEMA:

*“São Francisco
e a Palavra de Deus”*

LA CUEVA DE SAN JUAN DE LA †

Oração enamorada

Frei João Costa, OCD



1. São João da Cruz é ainda hoje um homem fascinante. Porque fascinado, fascinante.

A sua vida é paradoxo vero e vivo. Era feliz, sempre foi feliz buscando e seguindo a Deus no seu interior mais profundo; era terno, amável, apazível, de olhar puro e sorriso sereno, mesmo se procedia de uma família tão frágil e miserável cujas probabilidades eram de que todos os de sua casa perecessem de fome, mesmo se, afinal, só tenham morrido o pai e o menino do meio. Já adulto, perseguido ou não, apresentava-se humilde, recolhido e de estatura mediana, razões pelas quais Santa Teresa, não sem humor, o chamava de fradinho, «*o meu meio fradinho*», santico e Senequita.

Seria necessário possuímos algo, uns *póses* que seja, do génio audaz da Madre Santa para como ela percebermos no olhar daquele menino frágil feito carmelita franzino e meão, um gigante de fogo ardente, bem capaz de iniciar uma nova família espiritual e assim abrir um sendeiro largo na história da Igreja. E se porventura dessa capacidade em nós dúvidas houvera, profeticamente tomou ele para seu apelido de religioso descalço o nome da *Cruz*; e tanto assim foi que a tomou para arrimo e báculo da sua subida até ao cume da alegria, e tanto ela se fez presente em seus passos, e tanta foi a tortura que sofreu em seus dias que, em perguntando-lhe alguém donde nos desafios e provocações sacava tanta coragem, logo ele replicava: «*Quando estive preso em Toledo aprendi a sofrer*». Sim, preso esteve frei João tal como preso esteve Jesus – como que provando-nos não haver liberdade sem Egipto –, um e outro

imerecendo o mais inumano dos cativeiros, e depois mais volvendo o seu negro negrume na mais fulgente fonte de luz.

Nas negras masmorras do cativeiro, Jesus e João encontraram-se; ou melhor, foi João encontrado. E nesse encontro tornou-se ele fonte e «*grande mestre da verdade viva sobre Deus e o homem*» (São João Paulo II, em Segóvia). Desse encontro validante forjou-se o seu futuro – é e será pai e mestre de oração, ocupado em convocar para a oração e a promover o sumo bem que ela é em nossas vidas porque, como o próprio diz: «*quem foge da oração, de tudo o que é bom foge*». E depois de andados muitos caminhos e bebido de muitas fontes, numa carta, recomendará: «*entregue-se muito à oração, porque no fim de contas não temos outro bem*».

2. Sempre se ouviu dizer, eu pelo menos, que ninguém nasce santo, antes se faz santo. O verbo *fazer* não pode ser aqui assumido como um simples *fazer-se* a si, autónomo e por vontade própria, mas antes como passividade, como *co-laboração* activa entre Deus e nós, porque nada é possível contruir sem que as mãos de Deus oportunamente retomem o nosso barro – mesmo se ressequido – e nos construam (ou reconstruam) santos. E mais, para a nossa santificação de muito nos serve também o que os outros – por providência de Deus – fazem de e em nós. Ou, como a um jesuíta, e nem sequer era velho, ouvi certa vez dizer: *O viver com santos faz mártires!*

Lê tu, leitor, leitora, como quiseses este aforismo. Ou que até os santos nos amolam, até que atinjamos os mais altos cumes da santidade; ou que a paciência e a abnegação com que somos chamados a viver o quotidiano nos chamam também a dar testemunho cabal de vida conformada com Cristo; ou que sempre, tanto na heroicidade como na mediania do dia a dia, mais e mais somos chamados a renunciar ao egoísmo, por amor a Deus e ao próximo.

Seja como seja, ou como for, não nascemos para não sermos santos.

Ah, e como alguns bem-venturados aprendem tão rápido a lição!

No seu livro *Cântico Espiritual* São João da Cruz deixou escrito que «*um amor acende outro amor*», que é como quem diz: nada na vida da fé se faz ou constrói sem que se dê o encontro fundacional, tantas vezes, hoje, refundacional, com Cristo, seja ele nas tais masmorras húmidas e frias duma prisão, seja pelo caminho, à luz do sol, num jardim.

Que um amor se acende noutro amor logo me faz lembrar a Vigília Pascal, quando a Igreja, cristão a cristão, filho a filho, freguês a freguês, peregrino a peregrino, em noite escura, acende a sua vela no luminoso e glorioso Ressuscitado! É, enfim, o amor e a santidade Dele acendendo e sustentando a humildade e a pequenez da nossa chispa, e fazendo-nos rezar e exultar e louvar e testemunhar a luz e o amor maiores.

3. De casa para o noviciado, do noviciado para a universidade de Salamanca, eis frei João correndo sereno e imparável como um *riachuelo* manso. Porém, reparado tenho que foi feliz em casa, foi feliz no seu noviciado, porque feito todo ele para uma vida de caridade silenciosa, de oração e contemplação; surpreendentemente, porém, o jovem universitário quase ali soçobrou quando, mesmo com licença para viver em verdade o rigor da Regra Primitiva do Carmo, quase não a encontrou, ou mesmo a não chegou a encontrar, no contexto da vida claustral de seus irmãos mais avançados.

Percebendo-o *todo ele elevação e oração*, salvá-lo-á a Madre Teresa de Jesus, providencial e veloz como um raio, fazendo-o pai dos descalços, seu conselheiro e pai da sua alma e da das suas filhas. De toda a Descalcez, incluindo leigos.

E entregue, desde jovem sacerdote, *a corrigir e encaminhar as almas para o trato de oração*, ver-se-á no limite do achamento de Cristo abatido, *kenótico*, ao padecer o abatimento máximo na masmorra toledana. E foi aí no limite mínimo que ele foi máximo! Sabemos, aliás que, tirando dos mínimos, escreveu grande parte do formoso diálogo entre a amada e o Amado do *Cântico Espiritual*; e será também esse álgido e máximo desnudamento pessoal e conjuntural que lhe possibilitará o encontro redentor em que sucederá a prova de que só o amor acende a oração confiada.

4. Enfim, quem me dera ter sido mosca, ou nem tanto, que simples toco de vela acesa ou meio tição me bastaria; quem me dera ter vivido na pequenina casinha da viúva Catarina, aí por 1552, ou um pouco mais além, na ruidosa cidade das grandes feiras e mercados agitados! Quem me dera ter tocado aquele sereno, santo e confiado silêncio da casuchinha da rua de Santiago que embalou e adormeceu um menino santo; quem me dera tê-la visto a rezar o piedoso rosário com Francisco já casado com Ana, e com o seu Joanico! Ai, quem me dera ter visto como Catarina abençoava a mesa, como tomava o pão escuro em suas mãos de tecedeira, e como o partia e repartia pelas bocas da casa. Sim, quem me dera ter conhecido o casucho fiel da rua de Cantiveros, onde Gonçalo, esse moço direito e recto como um esteio, e Catarina, a bela mourisca pobre, trabalhavam, rezavam e jantavam juntos e piedosos uma malga de caldo de verduras amargas, naqueles tempos tão falhos de migas!

Ah, ainda se ingênuos e sem incenso, como em cada tempo tão solenes e belos são os altares familiares!

O amor é o amor, e eu não conheço casa mais próxima à de Nazaré, onde tão bem aprender se possa a viver de trabalho, de amor e de Providência! Sim, não há casa em lado algum tão biblicamente pobre, não; e para mais agudo desafio à esperança, tem ela, ou terá em breve, uma viúva e dois órfãos e... e depois, tantos, tantos afilhados... Por isso, quem me dera ter vivido naquela casa, sim, apenas naquela casa, e mais que ver a profundidade e o mistério da escura noite da fome, ter visto e aspirado o amor a ser tecido e repartido à mesa das migalhas. Sim, e como despontava ali a fonte da luz da fé naquela negra casa pobre em pleno século de ouro espanhol! É certo que de inteiro ninguém sabe, mas foi aí, nesse lar laborioso, caridoso e acolhedor, até mais que noutro lugar mais santo, até mesmo mais que no noviciado carmelitano do convento de Santa Ana, que se encontra a semente e a fonte da oração de frei João da Cruz.

Ai, quem me dera.

Quem me dera ter sorvido daquela atmosfera calorosa que nimbou um santo, sem que se levantasse nuvem de pó ou fumo de incenso.

Quem me dera ter percorrido lado a lado a Peregrinação da Fome, por Arévalo e outros lugares até Medina: incréu eu não seria e choraria vendo caminhar uma jovem viúva com um filhinho ao peito e outro carregando uma trouxica de pequenos tarros, agulhas e colheres. Uma peregrinação de fome faz-se com fome no estômago, os pés doridos e os olhos a pedir. E se a caridade nos dá um nico de pão duro, reza-se pelas *Almas que bocê lá tem, mai'la sua família!* Claro que os pobres sabem rezar, que ou confiam e tudo esperam da mão de Deus, ou soçobram e morrem sob o império da fome. O quanto não aprendeu Joanico encostado ao seco peito da mãe, ao longo e ao largo daquela imensa peregrinação de esperança!

E o que eu não daria para *assistir* a uma missa em que o chiquitito de Catarina acolitasse na igreja da Madalena,

O amor é o amor, e eu não conheço casa mais próxima à de Nazaré, onde tão bem aprender se possa a viver de trabalho, de amor e de Providência!

quase porta com a porta da sua casuchinha! Ele que falira em todos os ofícios em que o haviam procurado industrial – alfaiate, pintor, carpinteiro, entalhador – por fim acertara e não falhara no acolitado, pois se sentia encantado e feliz por servir ao altar e a acompanhar funerais; e quantos não seriam! Àquela hora e naquele serviço foi menino alegre, atento, cuidadoso. É certo que era um bocadinho travesso, mas acolitava tão bem que dava gosto e unção vê-lo! Era uma verdadeira bênção! Este elogio tomo-o eu da boca de quem com ele mais se enlevava – as exigentes monjas agostinhas de Medina. Um verdadeiro compêndio, esse miúdo! E se o serviço divino bem feito, isto é, se o acolitar bem não é já bem rezar, então eu vou ali e já venho!

Joanico foi feliz até aos dias de aprendiz de asceta em Salamanca, aqueles em que os colegas, em sentindo os seus passos, logo diziam: – «*Calemo-nos, vem aí o diabinho!*». Sim, foi; mas até esses dias que o acabaram inundando num mar de dúvidas e incertezas, foram de profunda e confiada oração. Diz-se que a sua cela, ou quarto, era paredes meias com a igreja conventual, e que tinha a particularidade de ter um janeluco virado para o sacrário. Dizem os testemunhos que frei João estudava a lição ali, de pé, por horas a fio, e que também por horas a fio, diurnas e nocturnas, ali se quedava em silêncio e oração a mirar o sacrário! E ainda assim entrou em crise!...

Refaço o que deixo escrito: eu contentar-me-ia o bastante em ser um janeluco para o sacrário do coração orante de frei João.

5. Como digo e deixo dito, já desde menino frei João foi homem de oração – não apenas a espaços, e muito menos só nos *tempos fortes*, nem só em lugares apropriados e circunstanciados, antes sendo oração, simplesmente oração, porque todo o seu país era a oração.

Não encerrarei este texto sem redizer como era fiel à sua bandeira, à oração enquanto diálogo amoroso e encontro tu a Tu, com Cristo Senhor. Pois que, se nos evangelhos o Senhor se fazia encontradiço e atento, tanto nas tempestades como nos mansos caminhos, nas praças, em casa de Simão, na casa e junto à cama dos doentes, quer na casa dos chefes das sinagogas, quer no templo, tal como junto ao poço, na fonte ou na piscina, tanto na montanha, embrenhado na natureza, como nas margens dos rios e no mar, porque haveríamos nós de desprezar esses lugares de encontro com Ele como lugares de oração? Não, São João da Cruz não os ignorou jamais porque, se qualquer espaço em que se desenrole a existência humana é lugar de Jesus, então frei João assumia-o como espaço de oração. Afinal, onde se pudesse ele encontrar com Jesus, numa ermida, pelos caminhos, num recanto, numa cova, no meio da natureza, em qualquer lugar, na cama, doente, ou próximo de um doente, no cárcere, se preso; no coro, soletrando salmos, entoando hinos ou, no altar, dizendo missa, aí rezava frei João da Cruz. Mas, sobretudo, o *meio fradico* mais rezava onde mais O encontrava: no mais

profundo centro do seu coração – «*há-de notar-se, repetia ele, que o Verbo Filho de Deus, juntamente com o Pai e o Espírito Santo, está escondido essencial e presencialmente no íntimo da alma*», portanto, para que «*se encontre com Deus, a alma deve sair de todas as coisas onde traz a sua afeição e vontade, e entrar em sumo recolhimento, dentro de si mesma*». O que aqui leio é que cada um de nós deve encontra-se (consigo) e com Deus, aprofundar-se e não dispersar-se jamais, nem esfarelar-se ao vento, donde saímos tudo perdendo e sem nada restando.

Ah, e uma vez aí, que não o chamassem, nem o distraíssem, nem de lá o quisessem arrancar: «– *Deixe-me, por amor de Deus, que não estou para tratar com pessoas!*» – suplicante replicava ele a quem nessas circunstâncias, com a sabor a desoras, o reclamasse.

6. A maneira como tu oras, leitor, leitora, é certamente diferente da minha, da do Papa Leão XIV, da de São João da Cruz. E mormente hoje há que manter e creditar as diferenças, porque para o *doutor da oração* – a quem mais importava encaminhar para o trato íntimo com Deus, que ensinar técnicas ou truques ou orações de devocionário –, esta é um diálogo tu a Tu, um encontro pessoal, *cara a cara com Deus* que, mais do que obras, do orante exige, pelo menos, um pequenino acto de *puro amor*. Sim, porque tudo no cristianismo, também na oração, mais que lei ou doutrina é, sobretudo, encontro com o amor inabarcável de um Deus que nos criou por amor, nos redimiou por amor, e nos rodeia e abraça com gestos mil de amor (mesmo desde antes de nascermos), porque enfim, em tudo, também na oração, Deus «*é sempre o amante principal*».

É, pois, por essa singela razão, concluo eu, por a oração mais brotar do incêndio de amor, que em certo lugar diz ele existirem «*pessoas que julgam ter oração e não têm, e outras que julgam não ter e têm*». Dá que pensar, porque a oração não depende jamais dum inteiro acto de vontade ou disponibilidade, mas da reserva de amor que ainda disponhamos sobre a lareira, em total pobreza, confiança e abandono. É por isso que a oração sempre é pessoal e irrepetível – isto é, brota segundo o modo da amorosa responsorialidade de cada um ao sentir-se amado por Deus. Logo, portanto, também não é sorvete que se esfume ou apenas desmaie no palato, com o único propósito de dar sabor ou exprimir-se em fervores, que estes mais não são que meros «*obstáculos a Deus*», o principal agente da oração. Aliás, Deus, oculta e secretamente, mui desembaraçado se ocupa, sem mérito nosso, dos orantes, digo, «*em semear-lhes na alma notícias de sabedoria e amor*»; sim, mesmo se áridos, Deus assume-nos como terra fértil e semeia-nos de amores perfeitos, para que conheçamos e amemos os bens que Ele nos quer oferecer e que por nós na oração hão-de ser colhidos.

Por isso, para que rezemos, isto é, para que permaneçamos em diálogo amoroso, o que mais nos encarece

A maneira como tu oras, leitor, leitora, é certamente diferente da minha, da do Papa Leão XIV, da de São João da Cruz.

frei João é que tomemos a Jesus como amado da nossa alma do único modo possível, isto é, permanecendo *«inteiramente com ele»* sem que o coração esteja dividido por se encontrar apegado a algo que não seja Deus!

Seguindo, pois, frei João da Cruz, para rezar nos basta ter coração, mas tê-lo uno e indiviso, não repartido, inteiro para Deus, por não ser possível rezar – isto é, dialogar com Deus – se não se *«tiver o coração inteiro no Amado»*. Afinal, de Deus nada se alcança *«senão com amor»* inteiro, porque Ele é de tal maneira, que só O leva bem quem Dele se aproximar sem interesse e segundo o modo que Ele quer pelo que, louvando ou pedindo, só assim Dele faremos o que quisermos – mas *«temos de o amar verdadeiramente»* só a Ele!

7. Existem nas obras de São João da Cruz muitas referências e textos de oração, cujo tom coloquial demonstra o eu do Santo referindo-se ao Tu de Deus, sublinhando o necessário timbre da amorosa relação entre a alma, o ser humano, e Deus; por exemplo: *«Ó meu querido esposo – é o Santo quem fala! –, recolhe-te no mais interior da minha alma, comunicando-lhe escondidamente, manifestando-lhe as tuas escondidas maravilhas, alheias a todos os olhos mortais»*.

Para frei João da Cruz se este tu a Tu, este eu e Tu, amorosos ambos e em delicada atenção e dedicação, não se der jamais, não pode existir oração. Não, a oração de João da Cruz nunca é um eu dizendo palavras contra um muro, mesmo que seja de formosa luz, mas um eu diante de um Coração vertendo-se sobre mim em rios de amor e compaixão (mesmo que eu nada sinta, nada veja ou ouça!). Não, a oração de frei João da Cruz não são jamais palavras receiptuárias, disponíveis como um comprimido para esta ou aquela maleita, esta ou aquela necessidade, esta ou aquela enxaqueca; antes são silenciosa palavra precisa e ajustada, pessoalíssima no tom e no toque de amor, e por isso, própria dele, não minha, não tua, e que dá para sabermos como ele rezava, como ele co-respondia, porque *«sem Ti, Senhor, nada se poderá fazer»*, nem mesmo rezar.

Mantenhamos, pois, o olhar fixo no *fradinho-fogo-de-oração* de Fontiveros, Duruelo e Úbeda – era ele pastor de almas e homem de mil compromissos, mas sobretudo, amoroso orante responsorial na solidão. Sim, que frei João rezasse era algo tão natural como respirar. E era tão denso e era tão íntimo que não rezava apenas por um punhado de horas, mas toda a vida, porque sem oração não respirava nem podia respirar, pois que a vida teologal e a interioridade jamais se vivem ou nelas se mergulha só a espaços e a bochechos.

Do que frei João sempre trata e gosta de nos advertir é que vivendo, rezemos, isto é, se vivendo, vivamos no amor a Deus, *«sem querer sentir ou ver algo»*, porque é nesse estado desinteressado que Deus se nos dá. Em

certo lugar escreveu que *«aqueles que são muito activos e pensam cingir o mundo com as suas pregações e obras exteriores, fariam muito mais proveito à Igreja, e muito mais agradariam a Deus – além do bom exemplo que dariam – se ao menos ocupassem metade desse tempo com Deus na oração»* porque, lá está, para ele rezar é muito mais que trabalhar e suar, muito mais que correria e missão, muito mais que pregação e apostolado; *é procurar corresponder com simplicidade e em profundo silêncio ao amor de Deus, sem mais querer sentir ou melhor ver – afinal «se não se perde o ofício de rezar, esperando em desnudez e vazio, jamais tardará o bem»* que Deus deseja conceder-nos.

8. O mundo está cheio de sábios e falho de vida penitente, confiada e orante, digo, amante, olhos nos olhos do Amante, porque na relação com Deus, que haverá de se Lhe pedir ou de se Lhe mostrar interesse, *«se a maneira de O levar é por bem e segundo a Sua condição?»* Aliás, a Deus ganha-se confiando, ganha-se em fé, que Ele *«só repara na fé e pureza de coração de quem ora»*. Sim, o que faz com que encontremos a Deus, ou melhor, O que mais faz Ele remeter-se para nós, é a nossa *«consciência pura, a vontade inteira em Deus e a mente deveras posta Nele»*. Postos nós, pois, nessas condições, aí Ele não resiste. Correndo para nós, aí Ele se deixa encontrar, aí nos acolhe, aí nos ouve em nossos pedidos que façamos em favor da Igreja e da humanidade, porque aí – *gemendo em esperança de céu é que nós alcançamos quanto esperamos!*

9. Na vida tal como na oração, João da Cruz não tem outra máxima nem outra luz que o amor do Amado, que Dele sempre em nós se verte, para nós corre para, descendo Ele e fazendo-nos subir a nós, nos igualar na amizade com Ele; por isso nos ensina nosso *Senequita* que nada haja na oração sem amor, sem o coração cavo e em esperança. E insiste: tanto a vida como a oração, vivamo-las sempre e só *«em pureza de coração»*, que é ao que Deus mais olha – porque Ele, enfim, sempre nos olha com amor!

E ao Amor não há dar sem dar.

Existe uma oração escrita por São João da Cruz que ele intitulou *Oração da alma enamorada*. É tão bela que não sei como não é mais conhecida! Até o título é perfeito. Conhecê-la dispensaria ler tudo o que foi escrito até aqui. E quem por ela não ficar a conhecer o coração orante e amigo do Santo, então não o conhecerá jamais, porque nas linhas dessa pérola ele não se escondeu nem nunca se quis esconder. É certo que existem outras orações suas, mas esta é viva, vibrante, única. Ali ele não dissimulou a consciência da sua pequenez e do seu pecado, nem a certeza de que Deus nos escuta e, de que em Jesus, cada um de nós tem um mediador, *«meu e para mim»*. Nem ousou esconder a sua gratidão por se sentir plenificado e glorificado por Deus, porque para ele poder rezar a Deus é

Correndo para nós, aí Ele se deixa encontrar, aí nos acolhe, aí nos ouve em nossos pedidos que façamos em favor da Igreja e da humanidade, porque aí – *gemendo em esperança de céu é que nós alcançamos quanto esperamos!*

amar, é uma troca de amores, pelo que agora já nada mais há que esperar. Diz a oração:

10. Senhor Deus, Amado meu!

*Se ainda te recordas dos meus pecados
para não me fazeres o que te tenho andado a pedir,
faz neles, meu Deus, a tua vontade,
pois é o que eu mais quero;
faz sentir a tua bondade e misericórdia
e neles serás conhecido.
E se estás à espera das minhas obras
para atenderes o meu pedido,
dá-mas Tu e realiza-as por mim,
bem como as penas que Tu quiseses aceitar,
e faça-se.
Mas se pelas minhas obras não esperas,
então porque esperas, meu clementíssimo Senhor?
Porque tardas?
E já que, enfim, há-de ser graça e misericórdia
o que em teu Filho te peço,
recebe o meu nada, já que o queres,
e concede-me este bem,
que também é o que Tu queres.
Quem se poderá livrar destes modos e baixos termos
se não és Tu, meu Deus,
a erguê-lo para ti em pureza de amor?
Como se elevará até ti o homem gerado
e criado em baixezas, se não és Tu, Senhor,
a deitar-lhe a mão com que o fizeste?
Não me irás roubar, meu Deus,
o que um dia me deste
no teu único Filho, Jesus Cristo,*

*no qual me deste tudo quanto quero;
por isso, espero e confio em que não tardarás.
E porquê tanta demora,
se já podes amar a Deus no teu coração?
Meus são os céus e minha é a terra.
Minhas são as gentes;
os justos são meus e meus os pecadores.
Os anjos são meus, e a Mãe de Deus
e todas as coisas são minhas.
E o próprio Deus é meu e todo para mim,
porque Cristo é meu e todo para mim.
Então, que pedes e procuras alma minha?
Tudo isto é teu, tudo é para ti.
Não te rebaixes nem olhes para as migalhas
que caem da mesa do teu Pai.
Sai para fora e gloria-te na tua glória.
Esconde-te nela e goza,
e alcançarás as preces do teu coração.*

11. Deus está sempre ao alcance do suspiro da alma que geme. Daquela que O sabe e O sente como saborosa presença e doce enlace. Da que Dele sabe aproximar-se amorosa e silenciosamente, para Lhe cobrir os pés e a Ele se unir. Da que em Seus braços deseja enlaçar-se para nada perder na oração. Terá sido isso que se passou certa vez em Baeza, quando o Santo após a consagração, tomou o cálice e bebeu o Sangue, e ficou de tal modo absorto que se demonstrou incapaz de concluir a missa, a ponto de uma *beata* sua penitente, a Madre Peñuela, ter exclamado: – *Chamem os anjos para que venham concluir a missa, porque esta frei João já não a termina?*

